

V JORNADA NACIONAL DE CINECLUBES



SALVADOR—BAHIA

6 a 13 de fevereiro de 1965

ASSOCIAÇÃO DE CRÍTICOS CINEMATOGRAFICOS DO CEARÁ
CLUBE DE CINEMA DE FORTALEZA
FEDERAÇÃO NORTE-NORDESTE DE CINECLUBES

A V JORNADA NACIONAL DE CINECLUBES, antes de ser um empreendimento cine-cultural, representa uma tomada de posição consciente em defesa dos novos valores da cinematografia brasileira. O Ceará, por intermédio do Clube de Cinema e Associação de Críticos Cinematográficos do Ceará, estará presente, com um sólido acervo de experiência e profícuo trabalho, fatores que muito contribuirão para o brilhantismo do histórico encontro.

ERNANDO UCHOA LIMA

Secretário Municipal de Educação e Cultura

Acervo Digital

O Ceará possui uma tradição cineclubista das mais respeitáveis, não se dispensando por isso, sua efetiva e oportuna participação na V JORNADA NACIONAL DE CINECLUBES que se vai verificar na boa terra baiana.

da Silveira

ANTÔNIO GIRÃO BARROSO
Academia Cearense de Letras

A Bahia, berço de cultura e tradição, polarizará as atenções de todos aqueles que pesquisam e estimulam o cinema, como arte e estesia intelectual, quando da realização da V JORNADA NACIONAL DE CINECLUBES. Rejubilo-me, pois, com a participação efetiva do Ceará, tão bem representado pelo Clube de Cinema e Associação de Críticos Cinematográficos, denominador comum de nossa atuação em prol do desenvolvimento cinestético.

NELSON OTOCH

Diretor do jornal "O Estado"

Trabalho sério, feito de fidelidade ao cinema, de amor à arte, trabalho que é mais pesquisa, é o que vem fazendo incansavelmente entre nós, o Clube de Cinema de Fortaleza. Ao lado disto, os que o dirigem, não esquecem o interesse maior — o objetivo sempre presente de elevar a nível cultural e artístico do povo, ensinando-o a ver melhor, a descobrir e receber mensagens que nos são transmitidas na tela. Trabalho também de educação, sem dúvida. Certamente os outros Cine-Clubes do Brasil vêm tendo a mesma atuação no seu meio, razão por que se reveste de tão grande importância esta V Jornada Nacional de Cine-Clubes em que o Ceará, pelos seus representantes terá, espero, uma destacada atuação.

MILTON DIAS

ENONDINO BESSA: “DEUS E O DIABO NA TERRA DO SOL”, um dos filmes que mais nos impressionou até hoje, veio confirmar em Glauber Rocha o vigoroso talento que já conhecíamos através de ensaios jornalísticos e de seu combativo livro “REVISÃO CRÍTICA DO CINEMA BRASILEIRO”. Revolucionário em todos os sentidos, “DEUS E O DIABO...” trouxe uma grande contribuição para afirmar definitivamente o CINEMA BRASILEIRO como autêntica manifestação cultural. Glauber Rocha honra a nova geração de inteligência nacional.

A meu ver, contudo, sua obra deve ser vista e analisada como fruto não só da genialidade do jovem baiano, mas integrado na própria evolução da sociedade brasileira”.

JOSÉ MAURO RIBEIRO: “Pretencioso, revolucionário, audaz, violento, humano, dialético, perfeito, eis como podemos julgar “DEUS E O DIABO NA TERRA DO SOL”. Sem ser movido por qualquer espírito bairrista ou de adoração personalística, podemos dizer mesmo que o filme de Glauber Rocha é, indubitavelmente, indiscutível e irreversivelmente o mais novo integrante da antologia das grandes obras de arte do cinema, desde seu nascimento”.

CLAUDIO DE SIDOU E COSTA: “O impacto é brutal, terrível, e o filme é uma obra-prima que empolga e arrebat. Sangue, luta e impetuosidade, mesclam-se em forma alucinante num drama contundente que tem as características da tragédia grega. A agonia mística, o desvario da ferocidade, a mensagem de esperança, são linhas argumentais que se chocam num abalroamento intenso e impressionante”.

ANTÔNIO FLÁVIO PÔRTO: “Com as limitações e grandezas inerentes às obras densamente ecléticas, “DEUS E O DIABO NA TERRA DO SOL” projeta propagandisticamente o cinema brasileiro no exterior. Apesar das imitações (Resnais, Godard, Buñuel, Eisenstein, “western” e mais — segundo os estudiosos — Welles, Nelson Pereira dos Santos e Guimarães Rosa) é um filme típico do Brasil e de Glauber Rocha”.

FROTA NETO: “É o ABC sociológico do nativismo. Completa-se com Jorge Amado na literatura e um Dorival Caymmi na música”.

DURVAL AIRES: “O filme de Glauber Rocha — estória, roteiro e direção — é, talvez, a mais alta expressão do nosso “Cinema Novo”,

lembrando-nos (não se trataria de influência determinante, mas de assimilação) os grandes mestres do cinema italiano (Antonioni: a captação poética de "O ECLIPSE", por exemplo). E não é só isso: aquela descontinuidade intencional — a técnica como motivação da forma, sem violentar o conteúdo, numa atitude de puro resguardo da unidade temática".

FRANCISCO TAVARES DA SILVA: "O filme é assim como uma explosão. Uma explosão de talento, de vaidade, de responsabilidade social, e, acima de tudo, de uma profunda análise da problemática nordestina. É filme do sertão, buscando nas caatingas, na paisagem agreste do nordeste, na fantasia de suas lendas, a realidade. Esta fusão do real e do fantástico, resulta numa experiência nova e desconcertante; para uns a quinta essência do sofisticado, beirando o ridículo, a demonstração pura e simples de um temperamento narcisista; para outros o retrato fiel e paradoxal do homem esquecido pela sociedade. É uma explosão, cujos efeitos se fazem sentir em profundidade arrasando a todos, cruelmente, em direção a uma realidade apenas pressentida, nunca mostrada".

FRANCISCO FEIJÓ BENEVIDES: "DEUS E O DIABO..." é, rigorosamente, uma obra-prima. Usando uma linguagem revolucionária, despida de lugares-comuns, Glauber compôs com eloqüente realismo, o maior painel da cinematografia nacional. Diferentemente dos estetas nouvelle-vagueanos, o binômio forma-conteúdo se harmoniza em síntese e expressão".

ROBERTO PONTES: "Filme que multiplica as reações da platéia enquanto dura a projeção; desconcerta e desarma as atitudes naturais de qualquer espectador comum, e surpreende o espectador consciente a ponto de uma só sessão não ser suficiente para uma compreensão formal e conteudística".

JOSÉ GOMES ANDRADE: "Este filme de Glauber Rocha é um marco em nossa cinematografia. Uma afirmação de quanto um brasileiro pode criar, improvisando; analisar os problemas que afligem o povo brasileiro, corretamente se expressando. É uma obra máscula, bem estruturada, que não faz concessões ao chamado "grande público"; mas, atinge, em cheio, a inteligência daqueles que procuram no cinema algo além da diversão, algo além das doses de ópio, ministradas discretamente nos filmes convencionais. "DEUS E O DIABO NA TERRA DO SOL" é a epopéia íntima de um homem que encontra a si mesmo, numa terra em que predominam a injustiça e a hipocrisia, a miséria e o conformismo, a superstição e a falta de confiança nos seus semelhantes; numa terra onde somente a violência é o remédio para ele se desvencilhar de embusteiros e exploradores e partilhar dos bens que a natureza pródigoamente edistribui. É, em última análise, um filme revolucionário, na forma e no conteúdo".

A DIVINA COMÉDIA DE GLAUBER OU "DEUS E O DIABO NA TERRA DO SOL"

Usando de recursos limitados, Glauber Rocha aplica no tratamento fílmico de "DEUS E O DIABO NA TERRA DO SOL" uma técnica aprimorada, isenta de diletatismo direcional, autêntico poema cinestético;

Muito embora a dicotomia BEATO/CANGACEIRO já tenha sido abordada por diversos ângulos, a realização do diretor de "Barravento" atinge na presente obra, uma expressão suprema, isto é, uma etapa de ineditismo;

Sob o aspecto puramente formal, apesar dos insignificantes deslizes, a força comunicativa do tema marginaliza os senões, evocando aqui e ali AQUELE QUE DEVE MORRER, de Jules Dassin;

A estória é simples, mas de implicações dialético-filosóficas, quebra o comodismo perceptual do espectador, ante a escorreita narração do drama rústico de um vaqueiro ingênuo, crédulo e desesperado;

Drama êsse que tem como moldura, o sertão, no último quartel do século XIX e como painel uma pequena cidade interiorana da Bahia (Monte Santo), centro místico de uma seita liderada pelo beato Sebastião (Lídio Silva), onde o casal Manuel (Geraldo D'El Rei) e Rosa (Ioná Magalhães) sofrem as conseqüências da espoliação e da miséria;

O primeiro encontro, do chefe espiritual e do vaqueiro, numa procissão campal, desperta no último o desejo irreprimível de abandonar tudo e seguir o carismático "milagreiro";

Encontro êsse que recebe um tratamento eloqüente, pelo ôlho da câmera, que expressa (em movimento circular) o confinamento ecológico, o ciclo vicioso de um homem atraído pelo polo magnetizante do misticismo, grosseiro e limitado;

A companheira de Manuel resiste à idéia, por considerar tal conversão em delírio inútil, uma fuga estéril à vida, muito embora siga o companheiro que se torna acólito predileto de Sebastião, obediente à liturgia sincrética da seita campesina.

A via crucis de Manuel, quer subindo o Monte Santo (Calvário) com uma pedra na cabeça, símbolo de penitência e flagelo, quer sacrificando um inocente na cerimônia de exorcismo primitivo, acirra o sentimento de repúdio e revolta da dedicada mulher;

A partir dessa integração voluntária, por parte de Manuel, Glauber Rocha retalha, sem falsos escrúpulos, o caráter sócio-cultural de uma comunidade alienada, submissa ao medievalismo político de uma época.

Ora aplicando o cantador como legenda auditiva, ora manipulando o monólogo intimista, o jovem diretor elabora um dos mais expressivos monumentos da filmologia contemporânea brasileira;

Convém salientar, o encontro entre ANTÔNIO DAS MORTES (Maurício do Valle), agente dos donatários da terra e da fé, quando o mesmo é envolvido pelo sofisma do padre que invoca a passagem bíblica da expulsão dos vendilhões do templo, como pretexto analógico de induzir ANTÔNIO DAS MORTES a praticar o massacre dos místicos;

Abordagem sociológica, anti-convencional, de energética magnitude conteudística;

A situação política (lei da bala para vencer eleições) e social (miséria, analfabetismo, credice, emigração), o choque cada vez mais aguçado entre injustiçados e as classes senhoriais, a fome de um lado e a abundância ociosa de outro, são elementos objetivos engajados no argumento, sem desperdício ou subestimação;

Manuel é o protótipo de um Cristo, porém inculto e angustiado;

Ele acalenta, como visionário (QUANDO O SERTÃO VIRAR MAR E O MAR VIRAR SERTÃO), a esperança do habitar com os seus, aquela ilha verde, refúgio de paz e tranquilidade, mundo novo onde não impera a lei dos mais fortes;

Seu utopismo é o cavalo de tróia pronto a atacar a cidadela fortificada dos usufrutuários da riqueza ilícita;

Mas os sofrimentos, as promessas oníricas dêsse Eden distante, a morte do beato, levam Manuel à conclusão desesperadora de que a miséria continua a absorver na sua voragem, crianças, velhos e camponeses, sacrificados em holocausto à "matadeira" de ANTÔNIO DAS MORTES;

Se a revolta ante uma contingência de fato e aniquiladora, mimetizava-se sob a forma metafísica de beatitude e sacrifício;

Se os fomentadores da miséria consideravam o reduto místico como uma ameaça em potencial à renda mensal da paróquia e à mão de obra disponível para o enriquecimento dos legatários do poder constituído;

Se a sede de lucro fácil e o medo do levante popular nas proporções de Canudos, se unem para estirpar aquele quisto de liberdade;

O mal (ANTÔNIO DAS MORTES) vencia o primeiro round, enquanto o bem (beato SEBASTIÃO) jazia inanimado no recinto insólito da Capela de Monte Santo, onde a escadaria de pedra mais parecia um tapete de provação e as estações da Via Crucis, um degrau a mais na escadaria inacessível da SALVAÇÃO;

E ANTÔNIO DAS MORTES, acabara de executar sua missão criminosa, estrangulando como Judas, a voz de sua consciência temente a Deus, com os seiscentos contos do pacto estipulado;

Apavorados, Manuel e Rosa descem aos confins da caatinga (noção de ALTO e BAIXO — de CÉU — Monte Santo e INFERNO — SERTÃO —) onde o sol calcina a terra e carboniza os sonhos;

Nesse caldeirão infernal, apenas o mandacaru, o xique-xique, o cardo solidário, se assemelham a tridentes acicatando o desespero dos desamparados;

Surge com detalhes e proporções danteanas, o legendário

CORISCO (ou Diabo Louro), vingador de Lampião e consagrado pela crônica policial como um dos mais temíveis cangaceiros;

Manuel e Rosa chegam assim ao sertão (INFERNO ALEGÓRICO) onde impera a lei do punhal e do papo amarelo, guiados pela mão providencial de um cego;

E se Cristo foi batizado por João Batista nas margens do Jordão, Manuel é ungido um pleno carrascal por CORISCO (São Jorge do cangaço), com o cognome de SATANÁS;

No caldeirão fervente de ódios e vinganças brutais, o longo punhal do Diabo Louro, representa o signo (lança) hagiológico, desembainhado contra as investidas do DRAGÃO DA MALDADE (ANTÔNIO DAS MORTES);

A temática preponderante — luta corporal do bem e do mal, duelo sublimado entre camponeses e proprietários, resignação tática dos pobres e arrogância cínica dos donos da lei e da justiça — predomina com ênfase no curso dialético de DEUS E O DIABO NA TERRA DO SOL;

O desempenho marcante de Othon Bastos (CORISCO) como fiel adepto daquele que fôra morto traiçoeiramente em Angicos, demonstra a maturidade artística do ator nacional;

De uma beleza agressiva, como o ambiente canicular, o enfocamento cênico do beijo, transe lírico, onde o cangaceiro (sol da revolta em pleno ocaso) e Rosa (pragmatismo conscientizado), abre uma clareira de sensualismo estético, dando ao jovem diretor um lugar de destaque na inventiva artesanal;

Depois da morte violenta de Corisco, a câmera acompanha a fuga tragi-cômica de Manuel, numa metaforização cinemática que define a importância do protesto isolado (aqui evocamos o diálogo entre Corisco que defende o mérito de Lampião e o revide de Manuel enaltecendo as virtudes do beato), numa advertência discreta de que a unidade comunitária, a organização planificada, são forças capazes de superar ou impedir a pressão arbitrária dos patronos do atraso e do subdesenvolvimento rural;

Antes de ser uma tese niilista, esposada por críticos insensíveis e narcotizados pelo purismo acadêmico, DEUS E O DIABO NA TERRA DO SOL aguç a senso analítico vertical do observador, escancarando as janelas de um mundo pretérito, onde a silhueta (líquida) — no entrecho final — encapelada do mar, assoma como uma associação intelectual, portadora de uma mensagem de confiança na massa (sólida & coesa), isto é, no povo;

Glauber Rocha pode ser considerado, sem exagero ou pedantismo, como o Shakespeare do cinema;

O artifice da pujança cinematográfica brasileira;

Cinema com o sabor regional do romanceiro popular;

Impressão digital de um passado, sempre presente;

Exposição didática — social, onde o enfático sucumbe ante o fluxo vivencial da simplicidade expositiva;

Poema moto/visual.

EUSÉLIO OLIVEIRA

GLAUBER, DEUS E O DIABO NA TERRA DO SOL

Um filme revolucionário. Eis o que é "DEUS E O DIABO NA TERRA DO SOL". Partindo de uma estruturação dialética deus x diabo, simbolizados pelas figuras do beato e do cangaceiro, Glauber Rocha explora (e esgota) pela primeira vez no cinema brasileiro, o problema da miséria no Nordeste.

É o misticismo e o cangaceirismo vistos à luz da sociologia. Da análise desses dois fenômenos, Glauber dá-nos uma visão impressionantemente real e autêntica da miséria nordestina, suas causas e conseqüências.

O realismo, a autenticidade, é o que há de mais impressionante em "Deus E O DIABO NA TERRA DO SOL". Autenticidade dos tipos sociais (o beato, o cangaceiro, o vaqueiro, o fazendeiro, o padre, etc.), todos, socialmente motivados; autenticidade nos diálogos, nos gestos, nas vestimentas, enfim, tudo é autêntico no filme de Glauber. Pela primeira vez em toda a história do cinema brasileiro, o cangaceiro é mostrado como um produto da realidade social, um revoltado consciente, um ser que luta por sua, e pela afirmação de seus semelhantes como seres humanos, e que verbera "enquanto eu viver, pobre não morre de fome"

"DEUS E O DIABO..." é, como disse alguém, "a maior explosão de talento já ocorrida no cinema brasileiro", constituindo-se, de agora por diante, um ponto-de-referência obrigatório para todos aqueles que acompanham a trajetória do cinema nacional.

Violento, corajoso, polêmico, genial, eis "DEUS E O DIABO..." ponto de partida para uma definição do Cinema Novo.

Ninguém é completamente bom, ou totalmente mau, na Terra do Sol. Vivem; apenas vítimas da engrenagem social.

Na estrutura dialética, há uma constante transformação, deus e diabo, bom x mal, um sempre se transformando no outro. Tanto Sebastião (que pensa realizar o bem), como Corisco (que pensa realizar o mal) acreditam que o sertão vai virar mar, e o mar virar sertão.

Depois de negar as duas formas de luta, G. R. afirma, através do cego-trovador, que o sertão não é de Deus nem é do Diabo. É do Homem.

A corrida final, quando a câmera acompanha Manuel em sua fuga desesperada e entra pelo mar, é uma alegoria por demais inteligente. Simbolizaria o mar, as forças do povo, que Corisco, na última frase do filme afirma serem indestrutíveis? Ou seria, talvez, uma nova forma de luta? De qualquer maneira, uma possível solução.

Quanto ao aspecto estritamente formal, destaque-se as seguintes

passagens que consideramos antológicas: a tomada de consciência por parte do vaqueiro Manuel quando, depois de humilhado e espezinhado pelo fazendeiro, mata-o a golpes de foice; a subida ao Monte-Santo, e a fala do beato Sebastião, sendo as imagens orquestradas pela música de Villa Lobos; a subida ao mesmo monte, empreendida por Manuel, levando à cabeça uma pedra de cem quilos, cena esta tratada em seus mínimos detalhes, com um realismo emocionante; o massacre dos beatos por Antônio das Mortes; o sacrifício da criança e o assassinato de Sebastião por parte de Rosa, cenas também de uma crueza ímpar; o esbofeteamento de Rosa por Manuel; o beijo trocado entre Rosa e Corisco, com a música de Villa Lobos e a câmera girando em torno dos personagens; o duelo final entre Antônio das Mortes e Corisco e a fuga final de Manuel em direção ao mar.

A fotografia de Waldemar de Lima é uma das mais perfeitas já apresentadas pelo cinema nacional, não tendo sido empregado nenhum artifício técnico como filtros, rebatedores, refletores, etc., transmitindo-nos assim, admiravelmente, toda a agressiva beleza da caatinga nordestina.

A música de Villa Lobos e as cantigas do cego-trovador, são de uma funcionalidade sem precedentes na história do cinema pátrio.

A montagem é feita à base do corte, brutal e selvagem como a vida que nos é apresentada.

O elenco, é um dos mais homogêneos já apresentados na tela. Ioná Magalhães, Geraldo D'El Rei, Othon Bastos, Lídio Silva, e todos os outros, em desempenhos memoráveis.

Apesar de toda a sua genialidade e originalidade, "DEUS E O DIABO NA TERRA DO SOL", como toda obra artística, não está isenta de influências, benéficas, diga-se de passagem, à evolução da linguagem cinestética nacional. É evidente a influência de Eisenstein, sobretudo na cena do massacre dos beatos, muito semelhante ao massacre da escadaria de Odessa em "O Encouraçado Potemkin". A influência de Eisenstein revela-se também na orquestração sinfônica das imagens, numa espécie de cine-ópera, como bem afirmou Glauber. De Resnais, no jogo diálogo-imagem; de Antonioni, nas tomadas longas, na valorização do plano geral, na economia dos cortes e no simbolismo direto; de Godard, na movimentação incessante da câmara; e, principalmente, de Buñuel, na seqüência da invasão à casa onde se realizava um casamento. É uma seqüência propositadamente anárquica, em que Corisco, ante o olhar atônito do noivo e dos convivas, possui a noiva em plena sala, mandando, em seguida, fazer a castração do noivo, enquanto Rosa passeia pela sala, tendo à cabeça o véu da noiva.

Em suma, um filme de inventor, um filme-revolução, a primeira obra-prima do cinema brasileiro, e uma das maiores realizações do cinema contemporâneo.

A DIALÉTICA DE GLAUBER, E "DEUS E O DIABO..."

"O Cinema é uma cultura da superestrutura capitalista. O autor é inimigo desta cultura; êle prega a sua destruição se é um anarquista como Buñuel, ou a destroi, se é um anarquista como Godard, êle o contempla em sua própria destruição se é um burguês desesperado como Antonioni ou se consome nêle, no protesto passional, se é um místico como Rossellini, ou prega a nova ordem se é comunista como Visconti ou Armand Gatti". (1)

Na realidade, o antológico filme de Glauber Rocha é uma obra quase imperceptível ao analista superficial, uma vez que as suas profundas investidas contra a estrutura social vigente, não poderiam ser feitas numa linguagem cinematograficamente vulgar, pois, assim sendo, daria margem a que certas pessoas VIP's vetassem definitivamente a sua apresentação. Daí o artista ser forçado a utilizar formas difíceis de dizer o que sente, mesmo sabendo que apenas atingirá uma pequeníssima parcela do povo: a intelectualidade.

Não podemos afirmar categoricamente que "DEUS E O DIABO NA TERRA DO SOL" é um filme que nos leva, exclusivamente, a conclusões no campo do materialismo dialético, mas somos absolutamente categoricos na afirmativa de que as divagações metafísicas têm limites, e não ultrapassam, em hipótese alguma, a cada um dos personagens vistos isoladamente.

O que se caracteriza como fundamental no dinâmico G. R. é o emprêgo constante da dialética, tanto na forma como no conteúdo. Em tudo êle observa atentamente a luta dos contrários. Sente que o motor da natureza e da sociedade é a luta entre polos antagônicos. Sente que "alijar a dialética é escolher a sombra do oportunismo inconsequente, que deixará para sempre, a história do cinema brasileiro como apêndice informativo na história universal do cinema". (2)

A DIALÉTICA DE GLAUBER

A maneira como G. R. nos expõe o conflito, a genialidade com que desenvolve a difícil temática, nos leva à afirmação de que é um profundo conhecedor da dialética. E, é justamente por isso, que o julgamos um artista altamente consciente do papel que desempenha na luta pelo desenvolvimento histórico da sociedade brasileira.

E foi percebendo que "... tôdas as coisas do mundo se desenvolvem graças a uma sucessiva luta de forças contrárias e antagônicas que se entrecrocavam em diversos planos" (3), que G.R. não só nos mostrou a luta dos contrários entre os personagens, mas também, a luta em cada um dos personagens. Ou seja, a luta entre os valores morais natos, e o condicionamento do caráter, motivados e forjados pelas circunstâncias determinadas pelo meio social.

Os personagens masculinos se identificam pela luta contra as injustiças dos donos da lei e da falsa moral. Todos protestam. Um, de maneira mística, outro, de maneira violenta. O misticismo do primeiro se apresenta trágicamente violento, e a violência do segundo se manifesta radicalmente mística. Um procura agrupar os seus seguidores para abstratamente divagar sobre o "nôvo sertão que um dia surgirá", já o outro, após a execução de um massacre diz: "enquanto eu for vivo, pobre num morre de fome nesse sertão".

Mas não é só o beato e o cangaceiro que lutam por justiça: o cego (4), na sua posição de observador do conflito, nos faz confissões de um profundo senso de conhecimento da realidade. Quando, quase na cena final, o assassino dirige-se para a destruição do cangaceiro, o cego pondera: "... e de que adianta matar Corisco, se isto não resolverá o problema do povo?" o que significa dizer que o que deveria ser fundamental para cada um dos circunstantes era a luta pelo povo.

O próprio assassino, no que pese ser um instrumento das classes dominantes, era uma figura altamente positiva. Êle não cessou a sua caminhada de crimes e mortes, mas já agora consiente de que matava não por um sentimento vago e inexplicável, mas para "... apressar a grande guerra que um dia ainda sacudirá êsse sertão".

Ê, nessa tempestade de revolta, que G.R. joga o seu herói. Herói que representa e simboliza o caboclo nordestino, o homem do povo, o vaqueiro, o camponês, que injustiçado pelas leis da classe dominante, procura refúgio onde possa protestar, e nessa caminhada, êle atravessa por diversas fases, até correr, desesperadamente, para

(1) — ROCHA (Glauber) no seu livro "REVISÃO CRÍTICA DO CINEMA BRASILEIRO". Civilização Brasileira, 1963.

(2) — IDEM.

(3) — POLITZER (Georges) em "PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DE FILOSOFIA".

(4) — Alguns críticos admitem a hipótese de que Glauber Rocha tenha descido ao filme encarnado em um dos personagens, que representaria sua opinião. Pode-se, nesse caso, admitir a utilização do cego para o desempenho desta função.

uma nova afirmação, que o diretor resolveu omitir, talvez, para deixar que o próprio espectador responda: Para onde irá Manuel? Qual a posição que Manuel assumirá? Qual a nova dimensão de luta em que se empenhará?

O vaqueiro, o beato, o cego, o assassino, enfim, todos os personagens de G.R. têm um sentido fundamental de comunicação, sendo todos indispensáveis para a perfeita apresentação do tema.

Os personagens negativos, ou melhor, a personagem negativa, Rosa, mulher de Manuel, além de lésica e infiel a seu homem, é imbuída de um inexplicável conformismo pequeno-burguês, chegando mesmo a conclamar Manuel a renunciar a luta e voltar ao estágio inicial, ou seja: sujeitar-se a ser novamente explorado pelos senhores da terra. Manuel recusa e repudia o conformismo de Rosa ("Deixe tudo isso e vamos fazer uma roça") e, em seguida, após ouvir as últimas palavras de Corisco ("Mas fortes são os poderes do povo"), como que dominado por uma nova consciência, recém-adquirida, que até certo ponto já poderia ser de classe, corre rapidamente rumo ao "nôvo sertão" antevisto pelo beato e simbolizado pelo mar. ("... e o mar se transformará em um nôvo sertão, onde a terra não será de Deus nem do Diabo, mas de quem nela trabalha").

Enfim, é um filme que empolga e envolve, suscitando a polêmica elucidativa e politizante.

Não só pelo aspecto social da temática (que, transbordante de um regionalismo exótico nos leva a perfeita percepção da interligação entre o misticismo e a violência), mas também pelo magnífico trabalho artesanal, rompendo com o tradicionalismo formal, nos conduziu, através de uma estética revolucionária, à melhor obra do nôvo cinema brasileiro.

FRANCISCO CLODOMIR ROCHA GIRÃO

"DEUS E O DIABO NA TERRA DO SOL"

O cinema brasileiro vem tomando posição independente e otimista no panorama da cinematografia mundial. O gênio criativo dos nossos jovens realizadores está promovendo uma verdadeira revolução artística através do que chamamos "cinema nôvo".

Abandonando a antiga escola em que o cinema não passava de algo desarmonico e sem função, cópia do decadente cinema americano, passaram eles a analisar problemas e tipos humanos da vida nacional. Começou a despertar nesses homens o conceito de que cinema não é simples deleite para os olhos, mas é, antes de tudo, uma arte que possibilita ao espectador a vista da vida como ela é. Constitui êle o veículo pelo qual conhecemos os problemas e os sentimentos de um povo, de uma raça ou de uma era. Exemplo disto tivemos no "O Cangaceiro" de Lima Barreto, que apesar de deslocado no tempo, podemos, devido a sua mensagem e seu estilo, inclui-lo neste nôvo movimento. Como outros exemplos, podemos citar ainda: "O Assalto ao Trem Pagador", de Roberto Farias, e, o já famoso "Vidas Secas", de Nelson Pereira dos Santos. Porém, acha-se entre nós a obra-prima dêste movimento de nôvo cinema que é "Deus e o Diabo na Terra do Sol", do já imortalizado Glauber Rocha. Com esta obra, Glauber encabeçou em Cannes a lista dos melhores realizadores, trazendo assim mais prestígio e admiração por parte do público europeu para com o nosso cinema.

Falar de "DEUS E O DIABO NA TERRA DO SOL" seria o mesmo que falar a respeito de obras do gabarito de "Os Sertões", de Euclides da Cunha. Apenas aqui temos a divergência de linguagem. Enquanto um expressa os sentimentos, a vida, os costumes, e a epopéia do sertanejo nordestino através da linguagem cinematográfica, o outro utiliza o mesmo tema se expressando em linguagem literária. Glauber Rocha como Euclides da Cunha, é um cientista, e, ao mesmo tempo, um artista que soube estudar e analisar com profundidade o sertão nordestino, os costumes de seu povo. Em seu filme sentimos o pulsar ardente das intempéries de uma natureza madrastra; nêle sentimos o desespero do homem nordestino, vendo-o amar, lutar, chorar e rezar. Vivemos com intensidade seu desespero por leis e instituições que não o projetam, procurando compensar sua desgraça na selvageria e na superstição. Aqui cabe as palavras de Monteiro Lobato: "Ciência e arte nasceram para viver juntas, porque arte é harmonia e ciência é verdade. Quando se divorciam, a verdade fica desarmonica e a harmonia falsa".

Glauber Rocha na sua obra, soube casar a harmonia com a verdade, uniu a ciência com toda sua potencialidade artística. Como

cientista, êle foi um sociólogo e um psicólogo, mostrando a revolta do homem para com a escravização econômica do latifúndio, revolta esta que se traduziu numa das formas mais primitivas de religião, e no vandalismo sanguinário do cangaço.

Como artista, procurou emocionar o espectador com uma música típica e rústica, que traduzia com autenticidade a alma do povo sertanejo. Além disto, dotou o filme de uma esplêndida fotografia e de uma esmerada angulação, riquíssima em travellings e panorâmicas.

Através de seu filme, conhecemos os personagens típicos que integram o nosso místico sertão nordestino. Em Manuel observamos o protótipo do sertanejo rústico, audacioso, tenaz e místico, sempre otimista, apesar das desgraças que o acompanham, procurando caracterizar seus ideais de um cristianismo primitivo e supersticioso, ou na participação de um cangaço sanguinário e selvagem. Rosa é o tipo da esposa que procura cercar do coração do marido suas ilusões e paixões. Para ela, não é a ilusão de um fetichismo selvagem que irá libertar o sertanejo da escravização social. Procura fazer ver a Manuel que ela ainda é uma mulher jovem, cheia de vida, que busca a felicidade e o prazer. Manuel a despreza, não porque não a ame, mas por estar fanatizado pela religiosidade, a revolta e a vingança. Achando que acima da mulher se encontra seu ideal de construir um sertão rico, próspero e justo. Onde as crianças bebessem leite nos riachos e a terra virasse farinha; finalmente, esperava ver que o sertão virasse mar e o mar virasse sertão.

Sebastião encarna o tipo destes gênios paranóicos que revolucionam épocas, povos e nações, plantando com as sementes de suas palavras religiosas o germen das revoluções. Caso idêntico tivemos em Canudos, onde as tropas do governo foram várias vezes derrotadas pelos fanáticos do beato Antônio Conselheiro. Glauber Rocha quis apresentar Sebastião como o deus que surgiu na Terra do Sol. Deus êste que pregava um dos mais primitivos tipos de religião, onde mesclava o fetiche a um catolicismo bárbaro e fanático, ressuscitando a idéia de que o sangue de um inocente poderia lavar o pecado do impuro. Com isso Glauber provou que o nosso sertão acha-se ainda numa das mais bárbaras formas de paganismo. Paganismo êste que tem suas raízes nas mais ancestrais civilizações. Ninguém melhor poderia definir a personalidade de Sebastião do que Euclides da Cunha, quando falava do Conselheiro na sua obra "Os Sertões": "tôdas as crenças ingênuas, do fetichismo bárbaro às aberrações católicas, tôdas as tendências impulsivas das raças inferiores, livremente exercitadas na indisciplina da vida sertaneja, se condensaram no seu misticismo feroz e extravagante. Em seu desvio ideativo vibrou sempre, a bem dizer exclusivo, a nota étnica. Foi um documento raro do atavismo. Traduz-se, fundamentalmente, como uma regressão ao estado mental dos tipos ancestrais da espécie".

Em Corisco, vemos o último remanescente de um cangaceirismo decadente. Apesar de representarem, à primeira vista, quase duas

antíteses, Sebastião e Corisco tinham o mesmo ideal: transformar o sertão em mar e o mar em sertão. Destruir o poderio econômico e libertar o povo sofrido do mesmo. O jovem cangaceiro encarna o diabo que aterrorizava a Terra do Sol. Sua força representava a lei e a justiça, sua fé em Virgulino era o impulso de suas paixões. Naquêle monólogo quase shakespeariano, Glauber dissecou com perfeição a personalidade do soldado de Lampião.

Antônio das Mortes era o próprio poderio econômico a escravizar o povo, seus mitos e seus direitos. Uma outra força encarnava o "matador de cangaceiros": a Igreja, que aliada à classe dominante, por seus interesses e por sua sobrevivência. Foi o próprio Corisco quem afirmou: "O capitão Corisco enfrentará o dragão da riqueza".

Finalizando, posso afirmar que "DEUS E O DIABO NA TERRA DO SOL" é o mais puro diagnóstico da desintegração moral, social e econômica da nossa civilização sertaneja. Com êle temos uma visão histórica do nordeste, onde o sertanejo enfrenta com veemência e bravura as rípidas caatingas. Sempre otimista e confiante nas bemaventuranças do futuro.

PALMELA DE AGUIAR

"No Brasil, onde se consolida uma estrutura capitalista, às contradições do submundo agrário e metropolitano, o cinema tem sido uma desastrada aliança entre autores imaturos e capitalistas amadores. Até hoje, com raras exceções, o cinema foi produzido pela pequena burguesia ansiosa de promoção provinciana ou por grupos financeiros com intenções de mecenato."

GLAUBER ROCHA

(Revisão Crítica do Cinema Brasileiro)

Acervo Digital

Walter da Silveira

IMPrensa UNIVERSITÁRIA DO CEARÁ

col.: 043.3